

Obras urgentes não começaram em quase metade das escolas indicadas

Obras urgentes não começaram em quase metade das escolas listadas

De 176 instituições diagnosticadas em fevereiro como situação crítica, 72 tiveram os reparos iniciados e 22 estão concluídos

ISABELLA SANDER*

isabella.sander@zerohora.com.br

Em torno de metade das obras em escolas estaduais consideradas em situação crítica, em fevereiro, foram iniciadas. De 2.311 instituições de ensino da rede, 176 foram avaliadas como casos urgentes, que precisariam de intervenções

para que o ano letivo fosse iniciado. Destas, 22 (12,5%) tiveram os trabalhos concluídos e 72 (40,9%) estão com as execuções em andamento, o que representa pouco mais da metade.

Outras 15 (8,5%) estão em processo de busca por orçamentos, em licitação ou prestes a iniciar a obra e 67 (38,1%) ainda não co-

mearam os reparos por questões de orçamento ou de fornecedores.

O diagnóstico da situação das escolas da rede foi apresentado no dia 16 de fevereiro, quando foi anunciado o programa Agiliza, que fazia repasse de R\$ 27 milhões para todas as instituições de ensino, divididos de acordo com o número de alunos e a demanda de

obras. Outros R\$ 3 milhões a mais foram concedidos especialmente para os 176 estabelecimentos que necessitavam de intervenções urgentes.

Em Porto Alegre, duas escolas exemplificam a diversidade de situações em que, hoje, se encontram as instituições colocadas na lista prioritária. Enquanto a

Escola Estadual Escola Cívico-Militar Visconde do Rio Grande já concluiu todas as intervenções, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Açorianos enfrenta dificuldades para conseguir um orçamento que caiba no valor que recebeu.

*Colaborou: Yasmim Girardi

Sinais de melhorias



Na Visconde do Rio Grande, reparos feitos em telhado

No Visconde do Rio Grande, no bairro Cavallhada, a entrada da escola já traz demonstrações de boa manutenção – o saquão conta com bandeiras do Brasil, do Rio Grande do Sul, de Porto Alegre e da instituição, com bebedouro, torneiras para lavar as mãos, mural de recados e ecoponto para a destinação de itens como pilhas e óleo de cozinha. Na lateral, uma horta é cultivada por professores e alunos. Nos corredores, trabalhos de estudantes enfeitam as paredes.

Embora as intervenções estejam concluídas, a diretora Ingrid Coutinho ainda tem muitos itens a fazer na sua lista pessoal.

– Falta fazer um muro que tem risco de cair, no fundo da escola, e temos de pintar as salas que estavam com infiltração – cita.

A infiltração ocorria em razão de um telhado que estava quebrado. A cobertura foi a principal obra feita com o recurso emergencial

– R\$ 16 mil na troca de telhas e calhas quebradas, dos cerca de R\$ 50 mil recebidos. Com o dinheiro, foi possível instalar equipamentos e móveis na sala de informática, colocar grades de proteção onde há ar-condicionado e fazer manutenção e instalação dos equipamentos, manutenção do piso das áreas comuns, reparos no refeitório e na cozinha e comprar impressora para a Sala de Recursos. Tudo foi feito em março.

Segundo Ingrid, o valor recebido mensalmente para a manutenção da Visconde, chamado de Autonomia Financeira, é de R\$ 2,3 mil, usados, basicamente, para comprar papel higiênico. A manutenção e as melhorias ocorrem por meio de doações, recursos federais e parceria com a comunidade escolar. Câmeras de segurança estão sendo instaladas na instituição, por exemplo, adquiridas por meio de uma emenda parlamentar.

Secretária descarta negligência

Embora as intervenções ocorram em escolas, quem está responsável pela execução é a Secretária Estadual de Obras Públicas. Antiga pasta de Obras e Habitação, foi reestruturada em janeiro e teve como o seu primeiro desafio o diagnóstico da situação estrutural das instituições de ensino estaduais.

Com essas informações, aos poucos, o processo de melhoria dos prédios deve ser feito, segundo a secretária Izabel Matte.

– Sabemos o que cada instituição está fazendo e, apesar de obras não serem feitas do dia para a noite, estamos fazendo as intervenções o mais rápido possível – pontua.

A secretária não considera que as escolas que ainda não iniciaram o trabalho estejam com as obras atrasadas e destaca que nenhuma instituição deixou de iniciar o ano letivo por causa de falta de intervenções.

– Se fosse atrapalhar o início do ano letivo, a diretora teria condições de agir no mesmo dia, mas obras, principalmente na gestão pública, nem sempre são fáceis. Por vezes, a diretora faz tudo certo, chama três empresas para fazer orçamento, mas as três não aparecem, ou aparecem uma vez e, depois, não concluem a obra. Não acho que há negligência ou má vontade das escolas: acho que todos estão atentos e fazendo o possível – defende a secretária.

A gestora da pasta ressalta, ainda, que sua equipe está elaborando um modelo de registro de preço de manutenção que deve trazer agilidade para as obras públicas, porque evitará, em alguns casos, licitações.

À espera de ações complexas



Na Açorianos, pátio com cheiro de esgoto e três banheiros interditados

Na Escola Açorianos, no bairro Vila Jardim, a situação é complicada. A instituição precisa passar por obras complexas no sistema de esgoto, para que três banheiros, atualmente interditados, sejam liberados para uso. Hoje, especialmente quando chove, a água volta quando a descarga é puxada. O pátio fica com cheiro de esgoto, porque transborda pelo chão.

O problema é que, até agora, a direção não encontrou um prestador de serviço que faça a intervenção com o dinheiro repassado. O colégio não informou, mas, segundo a planilha apresentada pelo governo, a verba recebida foi de R\$ 25 mil.

Por causa da falta de banheiros próximos funcionando, uma ala inteira da escola não está sendo utilizada. Lá, há seis salas, entre

elas a de ciências e a de informática. Para amenizar os problemas, a instituição busca se virar – no mês que vem, por exemplo, realizará uma festa junina, para arrecadar recursos.

– Os alunos acabam saindo pela falta de infraestrutura – lamenta Ivânio Becker, orientador educacional da escola, que já teve mais de 300 estudantes e, hoje, tem 180.

Além da ala não utilizada por causa da falta de banheiros, uma parte do prédio onde, antigamente, funcionava a pré-escola, também está interditada, porque o piso inchou e tornou difícil até mesmo abrir a porta. Corre um processo junto à Secretária Estadual de Educação (Seduc) para que o espaço seja restaurado, ampliando a área da cozinha e do refeitório.

GZH
Situação das escolas em gzh.rs/estatalista

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Pagina: 12